

TATUAR O TABU, OU INCARNAR UMA VESTIMENTA: Da necessidade do corpo para uma vivência do símbolo e do rito¹

Tattoo the tabo, or incarnate a dress:
From the need of the body do an experience of the symbol and the rite

Daniel Mineiro^()*
*Paulo Mendes Pinto^(**)*

Resumo

Na tradição ocidental existe uma estrutura religiosa muito específica e desenraizada do corpo. A par dela, surgiu uma antropologia e sociologias do corpo, que imprimiam etiquetas, normas e modos de encarar o corpo e a identidade. Face a esta tormenta, os atuais modos de enquadrar o corpo apontam para uma fenomenologia da dor, como forma de libertação do sujeito e consecutiva realização espiritual e identitária. É a partir de uma apropriação de si, através de uma percepção fina do corpo, que nasce uma nova forma de “vestir” o corpo com uma imagética, que não pode deixar de dever a nova Era Digital.

Palavras-chave: Dor. Corpo. Tatuagem. Imagem. Identidade.

Abstract

In the Western tradition there is a very specific religious structure uprooted from the body. Alongside it, an anthropology and sociologies of the body emerged, which printed labels, norms and ways of looking at the body and identity. Faced with this storm, the current ways of framing the body point to a phenomenology of pain, as a way of liberating the subject and consecutively achieving spiritual and identity. It is from an appropriation of oneself, through a fine perception of the body, that a new way of “dressing” the body with imagery is born, which cannot fail to owe the new Digital Age.

Keywords: Pain. Body. Tattoo. Image. Identity.

1 DO EU À TOILETTE DOS OUTROS

O corpo, por definição, tem funções, quer num abrigar-se, quer no assumir duma vontade pessoal. Responde-me, cumpre o que desejo e, nos casos mais acabados realiza aqui que tinha planeado para mim. A filosofia chamou-lhe «próprio», porque remete para uma posse; por outras palavras, porque remete para um conjunto de funcionalidades que se coadunam com um desejo que tenho de realizar.

Se à funcionalidade de um «em si e por si» juntarmos uma operacionalidade em conjunto, então, a clássica definição começa a conhecer matizes. A ética terá de

^(*)Doutor em Filosofia pela Universidade de Évora/Universidade de Valencia. Professor e coordenador de projetos da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atua nas áreas: Filosofia da Religião, mística cristã, ecologia, espiritualidade, religiões orientais

^(**)Doutor em Estudos Culturais. Diretor Geral Acadêmico do Grupo Lusófona/Brasil. Coordenador da área Ciência das Religiões da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa/Portugal. Áreas de atuação: esoterismo, judaísmo, maçonaria, espiritualidades.

conhecer o princípio da responsabilidade, terá de vergar perante um imperativo legislativo ou moral, perante uma tendência ou moda para não ser discriminada.

Desejo e moralidade competem agora: apraz-me sair à rua apanhando vento no rosto, mas as leis de confinamento que nos enquadram neste ano de 2021, indicam que devo permanecer em casa, para que o vírus Covid-19 não se propague mais. Interior e exterior, quando não se fez o trânsito da responsabilização, começam a suscitar modos obrigatórios de um si, que não conhece descanso ou realização.

Byung-Chul Han, no seu livro *Do desaparecimento dos Rituais*, ao falar da coação para produzir, remete para uma comunicação sem comunidade (Han, 2020, p.11). Multiplicam-se as formas de autenticação de um *self*, para que seja conhecido pelos demais. São criados perfis onde as pessoas, que se registam nas plataformas, são obrigadas a respeitar determinados padrões para serem aceites. É levantado o paradigma da produção de si, ficou perdida a simbólica e, tudo funciona segundo uma técnica de consumo predatório (HAN, 2020, p.14): integra-se, funde-se, incorpora-se, como formas de afirmação de um eu que pretende ser nos outros de que se alimenta. A adesão transformada em formas de identificação é arregimentação, homogeneização e cultura de grupo.

Maurizio Ferraris, no seu livro sobre a *Mobilização Total*, fala de uma militarização da pessoa, em favor de um ideal de comunicação. Mostra uma técnica que permite ligar todas as pessoas ao mesmo tempo que as obriga a responder e a sinalizar uma auto-certificação do indivíduo, no momento em que é notificado. A tudo isto confere um modelo de sociedade perfeita e chega mesmo a designar a tentativa, que é filha da sociedade industrial, como Pentecostes tecnológico (FERRARIS, 2018, p.64). A um indivíduo dependente do seu corpo para afirmar o desejo, emerge uma vontade que se afirma no virtual, na ausência do corpo porque a mitifica, a transforma em “metafísica”.

David le Breton, no seu livro *Adieu au Corps*, mostra que existe uma desconstrução da noção de corpo, porque os modelos de expansão da comunicação obrigaram a uma atenção desmesurada ao *self*, ao invés de procurarem pôr em comum o que une cada uma das pessoas que habita a comunidade. O em comum afirma-se cada vez mais como possibilidade de comunidade e de pertença.

Dentro de uma comunicação sem comunidade, nos modelos de autenticação da pessoa a partir da tecnologia que notifica ou, ainda numa desconstrução do corpo, assistimos a uma agressão do corpo por parte da sociedade. Não existe espaço para a expressão de si, no sentido de poder responder ao mundo desde uma percepção própria e atenta. Pelo contrário é exigido que façamos, que respondamos de forma militar a uma mobilização, como bem reparou Ferraris. E, esta ação obrigada trouxe estragos.

O revestimento do si não é um corpo que segue a vivência de alguém que se vê a braços com um mundo e com o cumprimento de si. As modas, tecnológicas ou não, ditaram outra sorte: existe uma *toilette* que não nos pertence. A roupagem da personalidade e da identidade deixam de assumir os contornos da livre opção; somos obrigados a produzir imagem, avatares de nós mesmos, para responder ao militar toque do ter de responder a uma mensagem, a um email, à interpelação dos outros.

Conhecemos em pele própria os contornos do que podemos fazer. Através da dor que a obrigação de agir mobilizados implica, conhecemos os contornos de nós mesmos e, queremos agir de outra forma. Pulsão e mobilização chocam de forma mortal nas situações limite da incapacidade de resposta ou na mais existencial toma de consciência. Afinal, o gesto de adesão não é essência de si, mas apenas comunicação de uma natureza adotada, estranha, confinada numa semântica e em códigos muito rígidos.

Pessoa alguma, mesmo quando os atrativos são grandes, se vê consolada com o transmutar da comunidade em mera comunicação. Ninguém fica apaziguado com uma redução de si à confirmação de outra pessoa, que vem por meio de uma mensagem. A mera notificação de um “gosto”, não é sinal algum de que estamos em verdadeira comunicação realizadora.

1 O GRITO: EU SOU!

1.1 A PELE VISTA DESDE A DOR

A experiência marca um campo de percepção ímpar. Diz sobre que plano podemos agir, delimita espaços, determina o que escolhemos analisar e compara com outras realidades que deixámos de lado para dar atenção a uma em específico.

De uma radicalização dos modelos da sociedade pós-industrial, precipitou-se para a vivência habitual a experiência do contraste: a pessoa pode conhecer-se desde os limites do *self*. Foi obrigada a agir, sob determinados moldes, sem poder escapar a esta

notificação, que obriga perentoriamente. Conhece-se desde a dor e sempre no desejo de se realizar, apesar dos atavios. Com efeito, submeteu-se a outras experiências, sejam elas prazenteiras ou repulsivas.

David Le Breton fala do corpo como último reduto da liberdade, como último recetáculo do si. E este núcleo ganha agora contornos inauditos: se foi antes palco de uma hostilização, por parte da sociedade digital, agora conhece os contornos de uma auto-apropriação do sujeito pelo universo das auto-representações. Pela dor, que marca os contornos da pele, do corpo, do eu, e a distância em relação a si mesmo, o sujeito tem agora a vontade de vestir uma roupagem que lhe é própria (BOREL, 1953, p.32), de readquirir a capacidade de pelo corpo se construir como identidade.

Aquém, além, existem notificações do que possa ser um Eu; dentro de uma experiência, que atesta a todo o momento os limites do corpo tal como sucedera nos embates contra a sociedade, cada pessoa está a braços com o seu corpo e sente que tem de fazer algo com ele. Então, pela mesma lição da dor, o corpo é agora núcleo de uma reconstrução do eu, que se sabe limitado de um determinado modo, mas com um desejo de ser o que é desde sempre. O mimetismo, a integração grupal, são as ferramentas experienciadas e tornadas, não só possíveis, porque democráticas e conta-sistema, como eficazes.

Na sociedade contemporânea, os movimentos de afirmação identitária e espiritual contribuíram em larga medida para esta visão da «pele», desde a dor. Tatuagens, *piercings*, marcas corporais e até outras formas de individualização estão apoiadas sobre a lucidez da dor: sou eu que estou presente, quando é feita a marca; sou eu quem fica de forma irreduzível marcado como parte de um si, que não pode mais mudar. É uma pessoa, com uma sensibilidade muito precisa, que se submete a tal identificação e, através desta presença, faz ouvir a sua voz na comunidade através de uma marca, de uma mácula.

Sem o assumir, de uma leitura psicanalítica, Jean Thierry Maertens tem razão ao manifestar a base pulsional dos ritos de passagem (Maertens, 1978). Não existe uma simples vontade de afirmar um eu, não se trata, como dizia Michel Foucault, de um uso operante dos prazeres (Foucault, 1997). Existe uma pulsão que está em constante luta para que seja ouvida, portanto, um indómito contraste com as determinações exteriores do corpo, impróprio. Quando o Eu sente que pode tocar algo que lhe é próprio, então, submeteu-se a essa disciplina para que seja ele mesmo a determinar o que pode ser.

1.2 A ESTÉTICA QUE AFIRMA O EU

A visão da corporalidade, se quisermos, da “pele”, pela dor, é o assumir de uma fenomenologia do Eu, se bem que incorporando gramáticas padronizadas e identitárias. Aplicada alguma pressão sob o corpo, temos a clara percepção de que este é o nosso corpo; podemos destacar uma determinada parte do corpo de outras, objetivando-a como uma parte dorida. Foi traçada a base epistemológica, tal como apareceu quando chamámos à colação o contraste que uma sociologia do corpo faz com uma vivência do mesmo. Falta definir o modo em que se operacionaliza a afirmação do eu.

David le Breton, no quinto capítulo da sua obra *Signes d'Identité*, dedica-se a uma estrutura estética ante valorativa do Eu, muito curiosa (BRETON, 2002, cap.5), que em nada nos remete para a colagem que supostamente as sociedades ancestrais faziam. É possível ver que as tribos ameríndias assumiam nos seus corpos símbolos pré-determinados para obterem a força dos animais mimetizados e para terem o aval da tribo. São inúmeros os casos de fusão dos elementos das pequenas comunidades com a natureza, os animais e com o espírito da tribo. Ora, não é assim que acontece com a sociedade atual: apesar da pré-existência da gramática e da estética usada, trata-se de um modelo individual de construção de um Eu.

Cada pessoa escolhe os símbolos com os quais quer revestir o seu corpo, logo, sentindo-o como seu, no mundo em que sente dor. Não existe uma determinação moral, para que escolha tal motivo. A decisão é totalmente livre, e, possivelmente, nem mesmo a escolha de um determinado símbolo assume uma conotação pré-determinada por uma hermenêutica que seja clara: escolho tatuar um triângulo com um olho “porque sim”. Escolha e narrativa são reapropriadas pela pessoa que faz a tatuagem, numa tentativa de dar uma nova roupagem àquele Eu que anteriormente tinha conhecido determinações feitas pela sociedade, usando agora uma gramática já construída, mas agora numa modalidade de *prêt-à-porter*, de *bric-à-brac* construído livremente.

Esta marca simbólica do Eu, é um acabamento simbólico da pessoa, uma vontade de construir o *Self* a partir das pulsões internas, portanto, uma presença feita pela estética de uma recepção única e intransmissível. Não existe precedência alguma

moral, a estética é o eixo diferenciador do corpo e com contornos de *bricolage*, porque o jogo do preenchimento aumenta com o prazer de ver plasmado no seu corpo a vontade própria.

Nada é coação para a produção de si. A estética da presença é o resultado de uma vontade de ser si mesmo, liberdade para se determinar no momento em que o Eu acede a uma antecâmara das determinações culturais do que possa ser um corpo. E não se confronta com a determinação da sociedade, porque o prazer de entrar na «sua casa corporal» o liga diretamente ao desejo, também ele pulsional, de ser o que é. Não existe incompatibilidade, ligando-se predeterminação anterior com a escolha pré-determinada no momento de se dizer a si mesmo esteticamente. O fio de conexão é fisiológico. O símbolo marcado na pele, para sempre *under my skin*, passa a ser operativo a nível material; verdadeiramente alquímico porque transformador,

A dor, para além de requerer a atenção e atestar a presença de quem a sente, produz um estado alterado de consciência que se liga a algo de matricial no humano: o desejo. O polo esquecido, durante a determinação societal, foi este; logo, a estética da presença conhece um momento especial de liberdade no momento de decidir acerca do modo como me quero apresentar, dando um verdadeiro salto qualitativo na natureza incorporada de forma quase iniciática, porque vivida de forma pessoal no corpo, com dor e através do símbolo escolhido.

3 RITO DE PASSAGEM

A visão sociológica do corpo tem um peso muito forte na determinação do mesmo. Possibilidades, interdições, etiqueta, são alguns dos elementos a considerar logo que se pensa no conceito de corpo produzido pela sociedade. Escolher outra via é ritualizar uma passagem por meio de uma outra leitura de si.

Assumida a dor como elemento revelar do Self, tendo em conta a libertação que a metamorfose estética produz no momento de incarnar uma roupagem simbólica, temos de ponderar que tipo de travessias são feitas quando assumimos a responsabilidade de afirmar o nosso próprio corpo.

A) A marca corresponde a uma nova existência do Eu; anteriormente, estava determinado. Portanto, do ponto de vista da identidade, passa a assumir uma presença particular: é efetivamente o Eu que se posiciona no mundo, da maneira que escolhe.

B) Determinar a aparência ou presença do corpo, corresponde a memorização corporal daquilo que escolhe ser através do símbolo e da pertença a universo estético.

C) Fazer esta escolha, de acordo com uma cristalização da ideia de si que quer manter, é optar por uma moldura comunitária e equilibrar-se diante de um efêmero cultural.

D) Dizer a identidade a partir da nova simbólica, sempre presente em si, é passar de um estado passivo a uma ativa procura da sua personalidade.

Psicologicamente, mentalmente, fisicamente e espiritualmente, existem movimentações no momento em que a tatuagem é feita. Existe uma fusão de universos simbólicos. Na feliz expressão de Breton, “pela marca existimos”; passamos de uma aceitação a uma determinação estética de nós mesmos (BRETON, 202, cap.5).

4 A SACRALIDADE REENCONTRADA

O ato de tatuar implica a “entrada” do signo no próprio corpo, passando a fazer parte da imagem do EU. O símbolo que o signo desenha passa a ser integrante e indissociável do corpo que não apenas o transporta, mas o assimila. Irremediavelmente, o tempo como que parou na possibilidade de escrever no corpo a cada traço que é feito, na medida que não se pode apagar. Todo o traço passa a ser uma História nunca mais se deixará de ler. É uma afirmação que vai do tempo curto do evento para o tempo longo da identidade inquestionável.

Se a hermenêutica do símbolo nos diz que cada um é livre na sua leitura, podendo cada tatuado ter a sua própria leitura do “porquê” de tatuar certo símbolo, afastando-se, muito ou pouco, das leituras mais popularizadas, a natureza do símbolo é consensual. Partindo da etimologia, e indo à raiz grega, o “símbolo” é o que liga, que une. O uso do símbolo é criador funcional, porque usado e existente materialmente, da proposta de Lactâncio para o significado da palavra “Religião”: *religare*. (AZEVEDO, 2010).

Neste sentido, o símbolo, mais que significar, significa a forma atuante, criadora do sujeito que, assim, se “sujeita”. É, no sentido latino antes tratado, religioso, de criador de uma ligação com sentido, de uma criação de liames ao transcendente que é o próprio significado escondido que cada símbolo é na hermenêutica pessoal – e, por isso, o trabalho ritual com o símbolo é “secreto”, porque apenas o que o vive, na sua máxima individualidade, sabe o que significa.

A tatuagem reside, então, na rede do que é, ou não, simbólico. Desenhar um triângulo é simbólico? É se a esses traços for dada a dimensão de leitura transcendente,

vivificante do ser numa dimensão que pelo símbolo é alterada. Isto é, ao ter o desenho no corpo, eu sou diferente, ou sou o mesmo, mas apenas mais “decorado”?

É na leitura da construção de um novo Eu que, sem possibilidade de fuga, o ato de tatuar se torna litúrgico, o desenho se torna símbolo, e a relação com o corpo se torna religiosa.

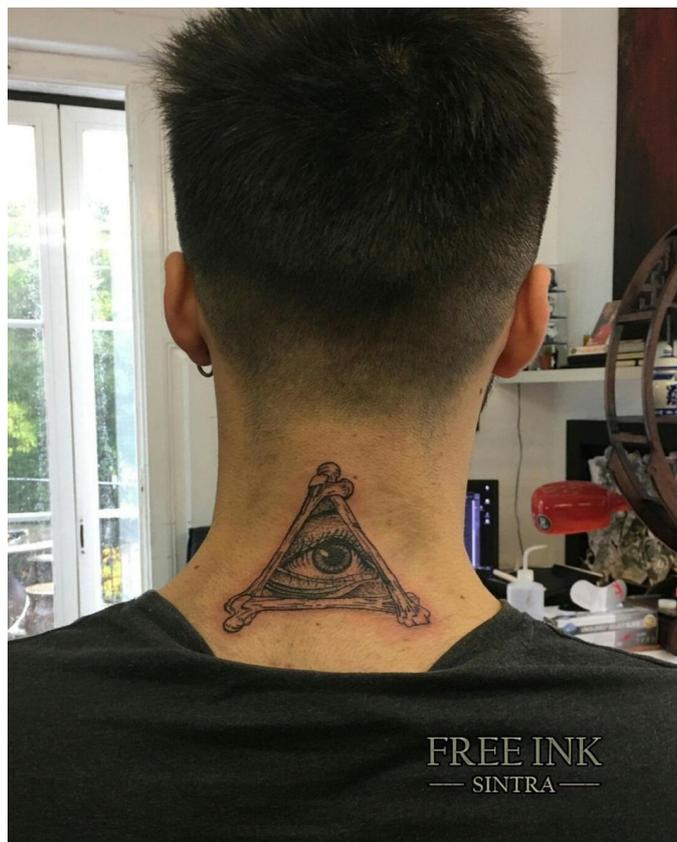
É aqui que tatuagem é um instrumento pós-moderno de redefinição do trabalho tradicional com o símbolo, obrigado a uma plena rotação nas definições de religião e de espiritualidade.

Qual a dimensão de comunidade neste regresso ao símbolo, aceitando o desafio de Byung-Chul Han? A Antropologia há muito que desafia as Ciências Sociais e a Filosofia para os significados profundos, e não apenas conjunturais, das culturas juvenis e dos tribalismos urbanos, que também os *Cultural Studies* adotaram como objeto de estudo.

Um novo campo, multi e interdisciplinar nasce e se consolida na tarefa urgente de redefinir e redesenhar o aparato epistemológico que se usa na catalogação de crentes, praticantes e adeptos, entre muitas outras noções que a cada passo se mostram cada vez mais inoperativas.



*Tatuagem no interior do braço: Triângulo em conjunto de rosas.
Free Ink (Sintra), 2020*



*Tatuagem na nuca: Triângulo com olho (delimitado por ossos).
Free Ink (Sintra), 2020.*



*Tatuagem no braço: Triângulo com olho raiado.
Free Ink (Sintra), 2020.*

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. “A procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare”. **Religare** 7 (1), 90-96

FERRARIS, Maurizio. **A Mobilização Total**. Lisboa: Ed. 70, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité II**. L’usage des plaisirs. Paris:Gallimard, 1997.

HAN, Byung-Chul. **Do desaparecimento dos rituais**. Lisboa: Relógio d’Água, 2020.

ECO, Umberto. **Diário Mínimo**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2017

LE BRETON, David. **Signes d’Identité**. Paris: Métailie, 2002

MAERTENS, Jean Thierry. **Ritologiques I: Le dessein sur la peau**. Essai d’anthropologie des inscriptions tégumentaires. Paris: Aubier-Montaigne, 1978.

PINTO, Paulo Mendes. "Nomeação e individualidade: a autoconstrução sexual no ciberespaço". In *Links: Entre Virtude e Virtual*. Lisboa: Apenas, 2006, p. 15-26.

(Recebido em outubro de 2021; aceito em novembro de 2021)